

NOTA

NOTA SOBRE O PROBLEMA DE SE PENSAR EM UM PERFIL DE ABUSADOR

Vivian Rafaella Prestes
Psicóloga clínica, prof. Dra.do Centro Universitário Cidade Verde - UNICV
psicologa.vivian@hotmail.com

Camila Decol da Silva Dantas
Psicóloga clínica
camiladsdantaspsicologa@gmail.com

RESUMO: Esta breve nota discute as problemáticas decorrentes da ideia de um perfil específico de abusador, a partir do caso do médico ginecologista Felipe Sá, acusado de abuso e violência por várias mulheres. A mídia frequentemente destaca casos de abuso cometidos por profissionais de saúde, revelando que o estupro pode ocorrer sem penetração e de diversas formas, desafiando o estereótipo social do agressor violento. O objetivo deste recorte é evidenciar as possíveis consequências problemáticas de se pensar e divulgar que existe um perfil de abusador, especialmente no contexto profissional, onde o cuidado e a violência podem se confundir. Enquanto estudos abordam o perfil dos homens autores de violência doméstica, identificar uma situação abusiva em um vínculo profissional se torna mais complexo. A narrativa de que há determinado perfil de abusador pode desviar o foco do problema real e sugerir que as pessoas, principalmente as mulheres, devem ser treinadas para identificar traços do agressor. É importante ressaltar que este trabalho não aborda questões jurídicas, mas destaca a possibilidade de revitimização das mulheres quando se reforça a existência de um perfil de abusador.

Palavras-chave: vítima; violência; mulher.

NOTE ON THE ISSUE OF CONSIDERING AN ABUSER PROFILE

ABSTRACT: This brief note discusses the issues arising from the idea of a specific profile of an abuser, based on the case of gynecologist Felipe Sá, accused of abuse and violence by multiple women. The media often highlights cases of abuse committed by healthcare professionals, revealing that rape can occur without penetration and in various forms, challenging the social stereotype of the violent aggressor. The aim of this analysis is to highlight the possible problematic consequences of thinking and publicizing that there is a profile of an abuser, especially in the professional context, where care and violence can become blurred. While studies address the profile of men who commit domestic violence, identifying an abusive situation in a professional relationship becomes more complex. The narrative that there is a certain profile of an abuser can divert attention from the real problem and suggest that people, especially women, should be trained to identify traits of the aggressor. It is important to emphasize that this work does not address legal issues but highlights the possibility of revictimization of women when the existence of an abuser profile is reinforced.

Keywords: victim; violence; woman.

No dia 15 de junho de 2023, Felipe Sá, um médico ginecologista que atuava em Maringá-PR, foi preso temporariamente por 30 dias a partir da investigação que se iniciou com base em três denúncias de mulheres que foram pacientes do médico e identificaram situações abusivas e violentas cometidas por ele. A notícia repercutiu nos principais veículos de comunicação e, conseqüentemente, o caso foi divulgado em todo o Brasil. Pouco mais de uma semana após a prisão, 37 vítimas denunciaram o médico¹, elevando o número para 41² até o momento. Entre as acusações, constam crimes como importunação sexual e tentativa de estupro de vulnerável.

Felipe Sá não é o primeiro e provavelmente não será o último a ser noticiado pela mídia por abuso, valendo-se de sua profissão para tal. A imprensa tem exposto casos de abuso, violência e estupro cometidos por médicos, como o caso de Roger Abdelmassih, um ex-médico renomado por ser especialista em reprodução humana. O caso ganhou notoriedade em 2009 a partir das denúncias de estupro e atentado ao pudor, o que o levou a uma condenação de 278³ anos de prisão. Em 2022, testemunhamos a exposição de um anestesista que estuproou mulheres

¹ Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2023/06/24/ginecologista-preso-no-pr-policia-diz-que-37-mulheres-denunciaram-medico-por-abuso-sexual-em-maringa.ghtml>

² Reportagem disponível em <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2023/06/29/policia-civil-afirma-que-41-mulheres-denunciaram-ginecologista-preso-por-abuso-sexual-em-maringa.ghtml>

³ Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/11/roger-abdelmassih-e-condenado-mais-de-200-anos-de-prisao.html>

durante cesáreas⁴. Esses casos divulgados, entre tantos que não chegam à mídia, enfatizam, dentre outros elementos, que o estupro ocorre mesmo quando não há penetração e que o agressor pode satisfazer-se sexualmente de várias maneiras, envolvendo, por exemplo, incitando a masturbação, o beijo ou qualquer outro ato libidinoso que desrespeite a dignidade da vítima.

O caso de Felipe e de tantos outros chama a atenção por não corresponder ao estereótipo social do homem violento e abusador que há muito tempo vem sendo divulgado pelos filmes e novelas, retratando-o como alguém desequilibrado que usa a força física para violentar mulheres. Landini (2006) realizou uma pesquisa e constatou que os jornais contribuem para autenticar essa imagem do homem autor de violência ao enfatizar cenas de brutalidade, frequentemente recorrendo a classificações diagnósticas de transtornos mentais para explicar o crime. No entanto, durante as consultas, Felipe não apresentava traços de agressividade, não era explosivo ou insensível, e também não falava alto ou desqualificava as mulheres. Pelo contrário, ele adotava um discurso de empoderamento feminino, era simpático e demonstrava empatia diante das questões apresentadas pelas mulheres que o procuravam. A postura do médico dificultou que as mulheres percebessem e nomeassem o que ocorria no consultório, por diversas razões que vão desde o fato de não se questionar o lugar e o conhecimento de um médico até o fato de muitas mulheres serem ensinadas e orientadas a ignorar e tolerar certos desconfortos, talvez acreditando que fossem apenas "coisas da sua cabeça".

Com base nessas informações preliminares, o objetivo deste trabalho é apresentar as possíveis consequências problemáticas de se pensar e divulgar a existência de um perfil de abusador. É importante ressaltar que não se pretende adentrar nas questões jurídicas relacionadas ao assédio, estupro, abuso e violência, mas sim evidenciar que a narrativa de um perfil de abusador pode resultar na revitimização da mulher.

Alguns estudos e pesquisas, como de Scott e Oliveira (2018), fornecem informações sobre o perfil dos homens autores de violência, com ênfase na violência doméstica, ou seja, homens que, em sua maioria, cometem violência física e/ou psicológica contra suas parceiras. A partir dessas referências, somando as informações do senso comum, surgem orientações sobre como

⁴ Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/12/13/anestesista-presos-por-estupro-durante-cesarea-aparece-excitado-em-foto-apos-outro-parto-diz-advogado.ghtml>

identificar um homem abusivo com base em suas características, por exemplo, afirmando que são indivíduos que interferem nas roupas que suas parceiras usam, nas atividades que exercem no trabalho ou nas redes sociais, além de xingá-las durante discussões e apresentar ciúmes excessivos. Todavia, é possível uma pessoa ser violenta e não apresentar esses traços. Além disso, quando se trata de um vínculo profissional, a identificação de uma situação abusiva se torna mais complexa, justamente porque a prática se disfarça como cuidado com a saúde, como no caso do ginecologista. Em outras palavras, os limites entre cuidado e violência podem ser confusos para a vítima.

Outro ponto problemático sobre falar em um perfil de abusador é que, muitas vezes, esse discurso desvia o foco: ao invés de se refletir sobre a situação abusiva, transmite-se a ideia de que é possível treinar as pessoas, principalmente as mulheres, para identificar os traços do agressor. A afirmação de que existe determinado modelo de abusador é uma estratégia pedagógica que frequentemente falha por algumas razões. Utilizando como recorte a situação do médico, apontamos algumas:

- a) Considerando a relação de confiança e, muitas vezes, assimétrica, o trabalho de reconhecimento desse suposto perfil é comprometido, pois envolve o estabelecimento de um vínculo baseado na segurança da competência profissional e na crença de que o médico manterá e garantirá a ética. Trata-se do uso de uma posição de conhecimento, a posição do médico, que é legitimada por um discurso científico e social. Essa posição dificulta a identificação da violência, uma vez que a mulher busca um profissional e se submete aos cuidados dele dentro do consultório, o que compromete sua capacidade de julgamento devido à desigualdade de poder e funções entre eles. Portanto, muitas vezes a vítima não tem consciência da violência nem antes nem durante a situação. A equação entre conhecimento e poder, amplamente desenvolvida por Foucault, instrumentalizou os médicos mencionados neste trabalho, permitindo que eles articulassem diversos comportamentos abusivos e violentos como se fossem práticas intrínsecas ao cuidado com a saúde da vítima.

- b) Quando a vítima consegue reconhecer a situação como abusiva, pode sentir vergonha e culpa, por exemplo, por não ter percebido as características do suposto perfil que tanto se ouve falar. É como se ela falhasse na tarefa de aprendizado. A culpa surge a partir de questionamentos dirigidos à vítima que, no entanto, são reflexos das pressões sociais, como "você não percebeu nada de estranho antes?". Também é importante considerar os diversos comportamentos e atitudes que a vítima manifesta nessas situações, os quais são moralmente classificados como certos ou errados, reforçando sua culpa. Em uma situação de perigo, como um assalto, é orientado que a vítima entregue seus pertences e não ofereça resistência, ou seja, espera-se passividade dela. Por outro lado, em uma cena de abuso e violência, espera-se que a vítima confronte, grite e se defenda contra o agressor que a está desrespeitando, uma atitude que garante seu status de vítima, especialmente se seu corpo estiver marcado por essa violência. A ambiguidade social que é instilada desde cedo na vida de muitas mulheres é a seguinte: deixar passar alguns desconfortos, ser passiva para não “criar problemas”, mas enfrentar com veemência o agressor quando ele é identificado como tal.
- c) Outro problema na narrativa da existência de um perfil de abusador é que, acreditando nesse modelo, abre-se as possibilidades para que todas as variações desse perfil possam agir sem serem identificadas como abusivos, como aconteceu no caso do médico Felipe Sá. Existem diferentes maneiras de ser e agir por parte dos agressores, e rotulá-los de uma certa maneira pode beneficiar muitos que não se enquadram no padrão pré-estabelecido socialmente. Quer dizer, divulgar determinado perfil pode favorecer os demais sujeitos que agem de modo distinto, mas que também são violentos e abusivos em suas estratégias.

Com essa breve exposição, o objetivo foi reforçar que divulgar informações sobre um perfil específico de abusador fortalece a narrativa de que é responsabilidade da vítima se proteger, e quando ela não consegue identificar os sinais, é culpada e culpabilizada pela sociedade. Resumindo, a ideia de um perfil de abusador leva à transferência da responsabilidade

e culpa para a vítima, em vez do agressor, e também permite que outras formas de abuso e violência, diferentes do modelo divulgado, passem despercebidas. As breves ideias apresentadas aqui são apenas uma pequena parte de um todo complexo que vem sendo pesquisado e transmitido atualmente, visando, em última análise, o cuidado para evitar a revitimização, especialmente das mulheres, e garantir-lhes seus direitos.

REFERÊNCIAS

LANDINI, Tatiana Savoia. Violência Sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 225-252, jan./jul., 2006.

SCOTT, Juliano Beck; OLIVEIRA, Isabel Fernandes de. Perfil de homens autores de violência contra a mulher: uma análise documental. **Rev. Psicol. IMED**, Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 71-88, dez. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272018000200006&lng=pt&nrm=iso>.